

# MEMÓRIAS DA VOVÓ

## MITOS E LENDAS DE FERREIRA GOMES/AP



VOLUME II

## **Memórias da Vovó – Mitos e Lendas de Ferreira Gomes/AP, Volume II.**

**1 – Autores:** Alunos da Turma do 4º ano do Curso Regular de Magistério da Escola Estadual Ceará - Sistema Organizacional de Ensino Modular- SOME, 1999.

- ❖ Aldenora Santos Oliveira
- ❖ Dariléia Pinheiro da Silva
- ❖ Deusadete B. Isacksson
- ❖ Eci dos Santos Pereira
- ❖ Ejesuel Lima Pereira
- ❖ Ernandes da Silva
- ❖ Helb Pinto Soares
- ❖ Helén Pinto Soares dos Santos
- ❖ Ilza Agenor Vidal
- ❖ Lídia Mendes dos Santos
- ❖ Maria Cleonice da Cruz Jesus
- ❖ Nazareno Andrade Coelho
- ❖ Neuraci Lima Pereira
- ❖ Nelma dos Anjos Vaz
- ❖ Paulo Andrey dos Santos
- ❖ Rosilene Silva dos Santos

### **2 – Orientadora:**

- ❖ Marília Nery da Costa – Professora de Língua Portuguesa.

### **3 – Coautor:**

- ❖ Eden dos Santos Pereira

**(Org.)**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

---

M533m Memórias da vovó : mitos e lendas de Ferreira Gomes/AP [recurso eletrônico] / Marília Nery da Costa (orient.) ; Eden dos Santos Pereira (co-aut). Macapá-AP : UNIFAP Editora, [2026].

24 p.: il. color. (Memórias da vovó: v. 2)

ISBN: 978-85-5476-128-8

Coletânea de narrativas míticas produzidas pelos alunos do 4º ano do Curso Regular de Magistério da Escola Estadual Ceará.

1. Narrativas míticas. 2. Narrativas lendárias. 3. Contos populares. I. Costa, Marília Nery da. II. Pereira, Eden dos Santos.

CDD 23. ed. – 398.21

---

## SUMÁRIO

Apresentação .....	03
Aspectos históricos.....	04
O Menino Curupira .....	05
O Bode Preto.....	06
A Cobra do Barro.....	07
A Pescaria .....	09
A Mãe do Mato .....	11
A Professora e o Boto.....	12
O Cavalo Misterioso .....	14
O Seringueiro Ousado.....	16
Considerações Finais. ....	20
Dedicatória .....	21
Glossário .....	22

## APRESENTAÇÃO

Agradecemos e dedicamos este livro ao povo do município de Ferreira Gomes, no Amapá, responsáveis pela preservação ao longo dos anos dessas histórias, que por décadas alimentaram o lúdico, e os mistérios que cercam cada mito e lendas contadas.

O mito contém em si, elementos fantasiosos, que garantem a construção de mundos, imagens e aspirações que são impossibilitadas de existir no mundo real; mas que, auxiliam na elaboração do raciocínio e da criatividade dos homens, mulheres e crianças.

As lendas são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais.

## ASPECTOS HISTÓRICOS

A história de Ferreira Gomes começa em meados do Século XX, com a chegada dos primeiros seringueiros pelo rio Araguari. Aqui fundaram, na margem direita do rio, a Colônia de Ferreira Gomes, nome dado em homenagem ao mais antigo e famoso comerciante, da época da Guerra do Paraguai, então chamado de Comandante Militar João Ferreira Gomes.

Na época as casas que existiam eram feitas de madeira, cobertas de palha, ambiente perfeito para viver tranquilamente, exceto pelas lendas e mitos que deixavam os poucos moradores da colônia inquietos, e assustados, principalmente quando anoitecia.

As histórias se espalhavam pelos Distritos, e Localidades de Ferreira Gomes: Triunfo do Araguari; Beiradão do Paredão; Palha; Colônia do Barro; Tracajatuba; e Falcino. E contaremos a você caro leitor algumas dessas histórias lendárias, desse pequeno município ilustrado no mapa a seguir.



## O MENINO CURUPIRA

Na localidade do Palha alguns moradores chegaram a vê-lo e ouvir o lindo dos animais, mas sempre que se aproximavam, ele desaparecia, para não verem seu rosto. Os moradores o chamavam de Curupira, e contam que ele tinha os cabelos bonitos, e compridos que lhe caiam aos ombros. Sempre aparecia subindo em árvores, sendo acuado pelos cachorros.

Os moradores do Palha, dizem que o estranho menino é o curupira, morador do centro das matas e protetor dos animais, contra a ação exploradora dos caçadores.



## O BODE PRETO

Ele sempre aparecia na frente da escola da comunidade do Palha, e todas as noites berrava, assustando os moradores:

Be! Be! Be! Be! Be! Be!

O senhor Juvenal Agenor Serra, conhecido carinhosamente por “Piçarra”, era um dos moradores mais antigos do lugar. Em uma das vezes que o Bode Preto apareceu, ele queria com sua espingarda, atirar no Bode, mas sua esposa a dona Maria Agenor não deixou, pois tinha medo, já que o Bode ia e voltava da mata arrastando o chifre no chão.

O senhor Ludovico Agenor morador mais antigo do lugar, acha que em razão do crescimento de moradores e casas na comunidade, o Bode Preto deixou de aparecer e assustar os moradores.



## A COBRA DO BARRO

Dona Nilda e sua nora Sandra, em uma manhã, saíram até a beira do rio Araguari, pegaram a canoa e foram pescar. Dona Nilda leva consigo um pedaço de pão, e perguntou a Sandra se a mesma queria um pedaço, a moça disse que sim, repartiram o pão e foram embora.

Dona Nilda foi secando a água da canoa, e quando iam chegando em frente à casa do senhor Mirico, próximo de uma queda d'água, viu uma maresia e perguntou a sua nora:

Sandra o que é aquilo?

Sandra então lhe respondeu – é a Cobra do Barro.



Imediatamente as duas atravessaram para a outra margem do rio, logo depois passou um barco fazendo muito barulho, isso fez a cobra desaparecer.



Depois que a cobra sumiu, as duas foram embora, e ao passarem em frente do Igarapé do Barro, voltaram a ver a cobra fora d'água.

Dona Nilda muito assustada disse a Sandra:

Mas ô cabeça porruda!

O susto foi tão grande que dona Nilda chegou a ficar doente. E todas as vezes que ia pescar com sua comadre Eglantina tinha a impressão de que a cobra ia aparecer novamente, foi então que sua amiga Elóia lhe disse para tomar um banho fedorento para tirar de seus pensamentos a visão da Cobra do Barro.

## A PESCARIA

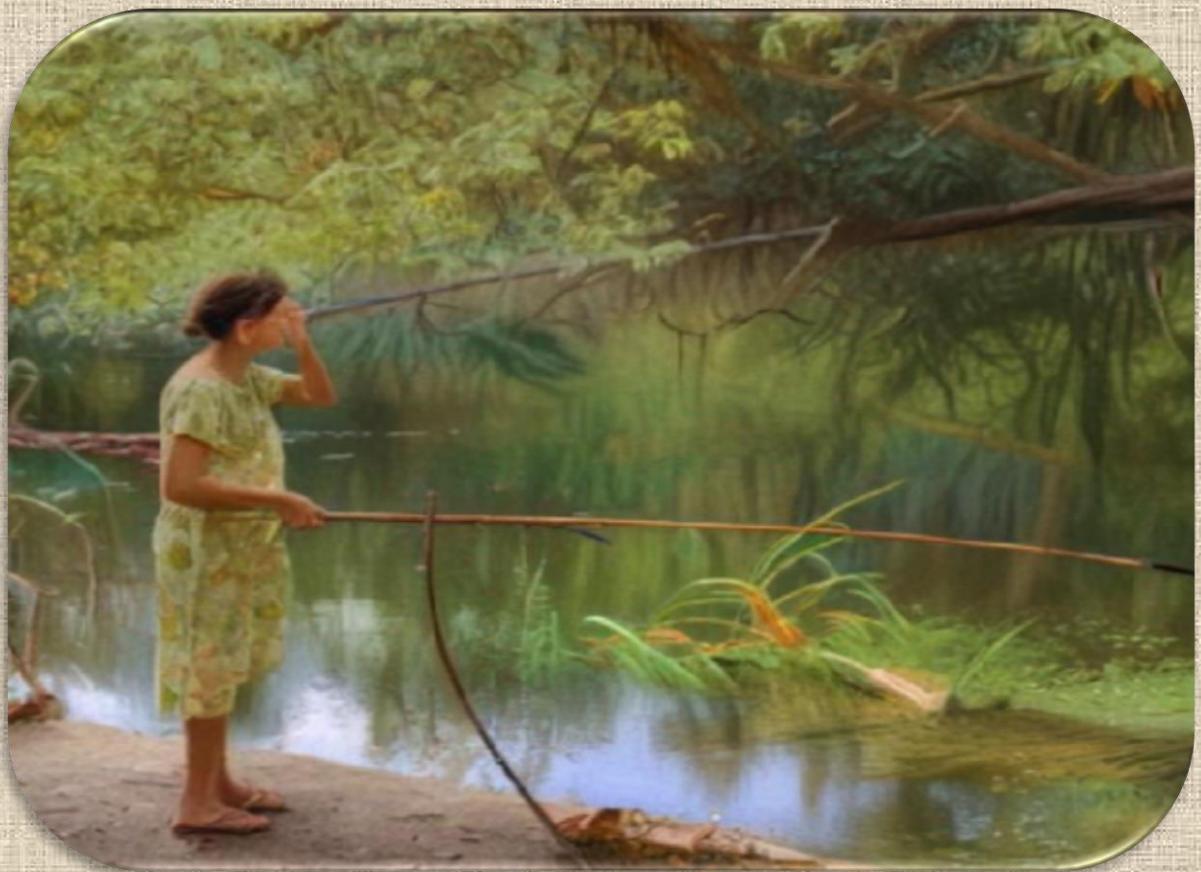
Dona Nilda foi fazer farinha junto com sua mãe, esposo e filhos, na outra margem do rio Araguari. Lá, ela foi pescar sozinha na beira do rio, pegou quatro aracus no primeiro dia de pesca.

No segundo dia, ela disse que só queria pescar quatro, e já havia pescado três, se pôs em cima de uma cachingubeira grande com apenas um lado da perna em cima da árvore, e o outro lado na terra.

Quase caindo, disse:

Só quero um aracu, e não mais de um, mais um só!

Ela olhou para a água, ouviu um gemido que vinha do fundo do rio, fazendo a água ferver, seu corpo adormeceu naquele momento.



Passado o ocorrido ela jogou novamente o anzol, pegou um aracu pequeno e resolveu parar de pescar, voltando assim para a casa de farinha.



Todos almoçaram e Dona Nilda foi lavar os pratos, quando chamou sua mãe e seu esposo e contou o que havia acontecido, que escutou um gemido que vinha do fundo do rio, de baixo da cachingubeira, fazendo com que a água fervesse nos seus olhos.

Eles não deram importância ao que Dona Nilda contou e foram fazer a farinha. Dona Nilda passou a sentir febre, e frio atormentada pelo que havia acontecido.

## A MÃE DO MATO

Dona Alvina, moradora da localidade do Tracajatuba, deixou sua filha de apenas dois anos de idade dormindo, e foi lavar roupas na beira do rio. Quando de repente, ouviu um choro vindo da direção de sua casa, que ficava próxima da beira do rio.

Ela percebeu que a medida que se aproximava da casa o choro ia se distanciando, então resolveu correr, quando chegou a casa percebeu que a filha não se encontrava, então começou a correr por dentro da mata, e muito longe viu que uma mulher caminhava com a criança, e no desespero começou a gritar.

Por favor, deixe minha filha, seja lá você quem for.

A misteriosa mulher então resolveu deixar a criança no chão, em cima de um reino de formigas saúvas, chorando muito. Dona Alvina colocou a filha no colo e voltou para casa desesperada, e jurou nunca mais deixá-la sozinha.



## A PROFESSORA E O BOTO

Uma professora vinda do Pará, foi lecionar na comunidade do Tracajatuba. Tudo ia caminhando muito bem, porém ela sentia muita saudade de seu noivo, que ficou em Belém, no Pará. Certo dia, fizeram uma festa e as pessoas daquela comunidade a convidaram.

Durante o festejo a professora avistou um moço muito elegante, vestido todo de branco, que chamou sua atenção, pois era parecido com seu noivo, de quem ela sentia saudades.



O moço se aproximou dela e começou a conversar, e a cada momento ela se encantava mais por ele. Ao terminar da festa, o moço a acompanhou até sua casa, e se despediram. No dia seguinte ele voltou a procurá-la e os dois começaram a namorar.

Os dia foram passando e os moradores perceberam que algo estranho estava acontecendo com a professora, pois ela emagrecia, e empalidecia a cada dia que se passava.

Então, resolveram investigar aquele moço, que para eles era misterioso, pois ninguém o conhecia.

Alguns moradores resolveram segui-lo, e descobriram que quando ele saia da casa da professora, se jogava no rio e desaparecia. Os moradores ficaram muito assustados e pediram que a professora fosse embora o mais rápido possível, antes que fosse tarde demais.



Segundo os moradores a professora se admirava muito do canto dos botos.

Todos acreditavam que o homem fosse um bote que queria encantar a professora.

## O CAVALO MISTERIOSO

Algo muito misterioso ocorreu há muitos anos atrás em uma noite calma em Ferreira Gomes. Dona Maria Raimunda, estava acordada com sua filha doente, e seu cunhado saiu para comprar velas no comércio que ficava à beira do rio Araguari.



Na volta para casa, logo depois dos barracos que funcionavam o Mercado Municipal e a antiga Prefeitura, o mesmo percebeu que alguma coisa estranha se movimentava a sua frente, então ele se aproximou e viu um lindo cavalo branco.

Ele começou a andar e olhar para trás e quando chegou em frente à casa de Dona Maria, ficou olhando o cavalo, que desceu a ribanceira e de lá desapareceu.



Desesperado, correu e gritou:

Dona Maria! Dona Maria! Dona Maria!

Quando foram olhar, o cavalo já havia sumido. E de repente, avistaram um homem misterioso com vestes brancas, rasgadas e sujas, o qual desapareceu e ninguém mais o viu. O mistério permanece até hoje, já que naquela época segundo Dona Maria, ninguém criava cavalos em Ferreira Gomes.

## O SERINGUEIRO OUSADO

Há muitos anos, na localidade de Tracajatuba, um determinado seringueiro, desafiou os poderes da mata e foi castigado com a própria vida.

O senhor Ozeno, morador do lugar, contou que naquela época haviam dois seringueiros, que todos os dias trabalhavam cortando seringa. Certo dia, apenas um deles, o Manoel se encontrava na mata trabalhando, quando avistou um negrinho muito forte, no momento em que o avistou ficou tão assustado que sentiu seus cabelos arrepiarem, pois jamais havia visto aquele negrinho antes.



Passado o susto, Manoel perguntou:

Quem é você?

O negrinho então respondeu:

Sou o dono deste lugar, e vim lhe dar um aviso: "A partir de hoje, não quero mais ninguém me incomodando". E prometeu que iria cumprir o aviso.

Quando Manoel retornou para casa, chamou seu companheiro de serviço e disse:

Zé, a partir de hoje eu não irei mais ao seringal.

Zé então o interrompe:

Por quê?

Hoje quando eu estava trabalhando apareceu um negrinho, e disse que não queria mais ser incomodado por nós.

Zé lhe disse:

Pois eu quero ver realmente se ele é homem mesmo para me impedir de trabalhar na mata.

Manoel ao ouvir o que Zé acabara de falar, lhe diz: vamos embora para a cidade procurar um outro tipo de trabalho.

Zé resmunga, vá você, por que eu vou ficar.

Zé deitou-se em sua rede e de repente avistou o negrinho e disse:

Ah, então é você o negrinho que quer nos expulsar do seringal, pois eu quero ver se você é homem realmente para isso, pois tente fazer o que você disse para o Manoel.



O negrinho começou a bater no Zé, até ele cair no chão. Eu te avisei, devias ter escutado o teu amigo Manoel, e ter ido embora.

Depois disso o negrinho sumiu. Ao anoitecer Manoel chegou na casa e avistou Zé jogado ao chão, e lhe perguntou:

Zé o que aconteceu?

Zé estava com muita febre e dores na cabeça. Manoel colocou o amigo em uma montaria e o levou para o pajé mais próximo. Quando chegaram ao pajé, ele então olhou, rezou e lhes disse:

É tarde demais, ele brincou com as forças da mata e a mãe do mato o castigou. O pajé tentou curá-lo, mas não foi possível, Zé perdera muito sangue pela boca e pelos ouvidos até morrer.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A propagação do mito é ideal para a valorização de uma cultura. E a dificuldade que tivemos para conseguir estas histórias, mostra o quanto ainda precisamos para saber quem fomos e o que somos.

Podemos dizer, que Ferreira Gomes já possui um rico material para pesquisar seu passador, e graças a ele, ainda podemos em uma noite de luar, contar algumas de nossas histórias aos nossos filhos. E se estes, contarem as mesmas histórias aos nossos netos e gerações seguintes, o objetivo deste trabalho será alcançado.

## DEDICATÓRIA

Dedicamos carinhosamente este livro em memória póstuma, a todos que contribuíram mantendo viva as histórias dos mitos e lendas de nosso município, permitindo assim que todo esse acervo rico perpetue pelas gerações futuras.

Nossos agradecimentos aos moradores que contaram as histórias:

- ❖ Alvina Tavares
- ❖ Dona Maria
- ❖ Eglantina Costa
- ❖ Elóia Sena
- ❖ Juvenal Agenor Serra “Piçarra”
- ❖ Ludovico Agenor
- ❖ Maria Raimunda Lima Pereira
- ❖ Maria Nilda da Silva
- ❖ Mirico
- ❖ Ozeno Pereira Filho
- ❖ Sandra Tavares

Colaboradora e cuidadora do acervo ao longo dos anos:

- ❖ Maria Raimunda dos Santos Pereira



## GLOSSÁRIO

Acuado: Pessoa ou animal que fica parado, diante do perigo ou ameaça .

Berrava: Som altissimo que um animal faz.

Cabeça porruda: Se refe a cabeça da cobra que era grande.

Cachingubeira: Arvore com raizes sobre a água.

Pajé: É um curandeiro, orientadores espirituais das tribos de indio.

Curandeiro: Homem que cura.



## Hino Nacional Brasileiro

*Letra: Joaquim Osório Duque Estrada  
Música: Francisco Manoel da Silva*

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heroico o brado retumbante  
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos  
Brilhou no céu da pátria nesse instante

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte  
Em teu seio, ó liberdade  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada  
Idolatrada  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido  
A imagem do Cruzeiro resplandece

Gigante pela própria natureza  
És belo, és forte, impávido colosso  
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada  
Entre outras mil  
És tu, Brasil  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil  
Pátria amada  
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido  
Ao som do mar e à luz do céu profundo  
Fulguras, ó Brasil, florão da América  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra, mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores  
Nossos bosques têm mais vida  
Nossa vida no teu seio mais amores

Ó Pátria amada  
Idolatrada  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado  
E diga o verde-louro dessa flâmula  
Paz no futuro e glória no passado

Mas, se ergues da justiça a clava forte  
Verás que um filho teu não foge à luta  
Nem teme, quem te adora, a própria morte

Terra adorada  
Entre outras mil  
És tu, Brasil  
Ó Pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil  
Pátria amada  
Brasil!